

Feminismo(s) pelo olhar de bell hooks

Feminismo(s) a través de los ojos de bell hooks

Vanessa dos Santos Tavares
Instituto Federal do Paraná (IFPR)
Universidade Cidade de São Paulo (UNICID)
São Paulo-Brasil

Resumo

O texto apresenta uma resenha do livro *O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras*, escrito pela teórica bell hooks, traduzido para a língua portuguesa em 2018. O livro aborda em 19 tópicos perspectivas do feminismo para uma educação respeitosa entre pessoas de raça, gênero e classe diversas. O livro apresenta reflexões explicativas sobre sexismo, patriarcado, relações de poder, espiritualidade e barreiras hegemônicas que manobram contra a divulgação das ideias feministas. Ademais, trata-se de uma obra destinada a qualquer pessoa e, para o contexto educacional, bell hooks nos fornece subsídios relevantes para o diálogo, que podem favorecer a educação dentro e fora de sala de aula.

Palavras-chave: Feminismo; bell hooks; Educação.

Resumen

El texto muestra una reseña del libro *El feminismo es para todos: políticas radicales*, escrito por la teórica bell hooks, traducido al portugués en 2018. El libro cubre en 19 tópicos perspectivas del feminismo para una educación respetuosa entre personas de raza, género y clases diferentes. El libro aborda de manera explicativa el sexismo, el patriarcado, las relaciones de poder, la espiritualidad y las barreras de hegemonía que van en contra de la difusión de las ideas feministas. Además, es una obra destinada a cualquier persona y, en el contexto educativo, bell hooks nos proporciona un apoyo relevante para el diálogo, que puede promover la educación dentro y fuera del aula.

Palabras clave: Feminismo; bell hooks; Educación.

Feminismo(s) pelo olhar de bell hooks

O livro *Feminism is for everybody: passionate politics*, escrito pela aclamada intelectual negra, teórica feminista, crítica cultural, artista e escritora bell hooks, apresenta 19 tópicos para a reflexão sobre as concepções e contribuições do pensamento feminista para a educação e a sociedade. A obra foi produzida originalmente em 2000 pela *South End Press*, sendo que, em 2015, a *Routledge* publicou a segunda edição, em língua inglesa, e esta última versão foi traduzida para a língua portuguesa no ano de 2018 pela editora Rosa dos Tempos. A publicação é de relevância teórica em estudos das Ciências Humanas e pode ser recomendado para compor referenciais bibliográficos em cursos de Pedagogia e demais Licenciaturas.

A autora, cujo nome de registro é *Gloria Jean Watkins*, utiliza o pseudônimo “*bell hooks*”, inspirado no nome de sua bisavó materna, *Bell Blair Hooks*. Trata-se, portanto, de uma homenagem às mulheres fortes e tem suas iniciais em letra minúscula para deslocar o foco da figura autoral para as suas ideias. Durante algum tempo, a autora acreditou que o feminismo era um movimento apenas para mulheres, no entanto, percebeu que as teorias feministas deveriam envolver mulheres, homens, meninos e meninas. A intenção da autora era escrever algo que possibilitasse o compartilhamento da leitura com pais, mães, avós e comunidades religiosas.

Nas páginas introdutórias, a autora faz um convite à aproximação ao feminismo, como forma de imaginar um mundo longe de dominações e explorações, em que prevaleçam relações respeitadas, considerando a noção de mutualidade e o reconhecimento de que homens e mulheres são diferentes. O primeiro tópico, intitulado “Políticas feministas: em que ponto estamos”, expõe sobre o sexismo, que, no senso comum, é algo visto como natural. Segundo a autora, ele constitui um problema, sendo necessário compreender a categoria sexismo para compreender o feminismo. A autora retoma, historicamente, os primeiros movimentos feministas, que se apresentavam em uma perspectiva cultural anti-homem, nos quais se discutia contra o patriarcado, demonstrando que, quando em posição de poder, as atitudes se tornavam opressoras.

No segundo tópico, “Conscientização: uma constante mudança de opinião”, a autora explica que a adesão às políticas feministas se dá por escolha e ação. Ela discorre que há uma gama de trabalhos de cunho acadêmico cujas autoras se prevaleciam de discursos feministas como oportunismo profissional e possibilidade de ascensão de classe, possivelmente traíndo o feminismo nas relações sociais com outras mulheres.

O terceiro tópico, “A sororidade ainda é poderosa”, traz reflexões sobre o pensamento patriarcal, cujas práticas sociais puseram as mulheres em situações de rivalidade e ódio umas com as outras. O tópico se posiciona em favor da solidariedade entre as mulheres, contrapondo-se ao sexismo.

O quarto tópico, “Educação feminista para uma consciência crítica”, parte da ideia de que a atual geração foi educada por pessoas (pais e mães) cujo pensamento social tendia para a aceitação dos pensamentos sexistas e preconceituosos. No campo acadêmico, os estereótipos populares tendem, por um lado, a minimizar os trabalhos de mulheres e, por outro lado, não menosprezam os trabalhos realizados por homens.

O tópico “Nosso corpo, nosso ser: direitos reprodutivos” aborda a saúde da mulher pelo olhar de classe e raça. Debruça-se sobre a libertação sexual das mulheres por meio da criação da pílula anticoncepcional, cuja descoberta, na segunda metade do século XX, abriu possibilidades para que as mulheres pudessem exercer diferentes atividades além da maternidade e cuidados no lar.

No sexto tópico, “Beleza por dentro e por fora”, a autora historiciza sobre a cultura que impunha às mulheres que vestissem cintas e espartilhos a fim de se apresentarem com a silhueta considerada ideal, nos anos de 1930 a 1960. A autora alerta sobre os interesses da indústria da moda e cosméticos, favorecendo interesses capitais, sem considerar os riscos à saúde da mulher.

“A luta de classes feminista” aponta a divisão de mulheres dentro do pensamento feminista. De acordo com a reflexão, as mudanças advindas dos movimentos feministas favoreciam mulheres brancas e que ocupavam espaço em ambientes de trabalho. Também traz a reflexão de que a inserção da mulher no mundo do trabalho não representou autonomia financeira para mulheres da classe trabalhadora nem significou a presença masculina nas responsabilidades de tarefas domésticas.

No tópico “Feminismo global”, aborda-se sobre a luta de mulheres contra o patriarcado e a dominação masculina. A autora aponta, criticamente, que os marcadores sociais de raça e classe não se apresentam em discursos que se propagam antissexistas e contra a opressão de gênero. Esses discursos, muitas vezes, desconsideram o racismo, inclusive, perpetuando-o.

Feminismo(s) pelo olhar de bell hooks

O tópico “Mulheres no trabalho” discorre sobre a experiência de mulheres nos Estados Unidos, em que, recebendo seus salários, não se libertaram da dominação masculina. Por outro lado, a autora afirma reconhecer os movimentos feministas.

Se o movimento feminista contemporâneo jamais tivesse acontecido, ainda assim multidões de mulheres teriam entrado para o mercado de trabalho; mas é pouco provável que tivéssemos os direitos que temos, se feministas não tivessem desafiado a discriminação por gênero (Hooks, 2023, p. 83).

Ao construir uma ponte entre “Raça e gênero”, no décimo tópico, a autora dispara sobre a consciência da raça branca como privilegiada socialmente. Durante muito tempo, se prevaleceu a ideia de que, somente as mulheres brancas teriam capacidade para liderar o movimento. No contexto estadunidense, nas décadas de 1970 e 1980, mulheres negras/não brancas puderam questionar o feminismo branco. A autora escreveu o seu primeiro livro *E eu não sou uma mulher? Mulheres negras e o feminismo*, nos anos de 1970, enquanto única mulher negra nas aulas de feminismo da *Stanford University*. Dessa forma, a autora estabeleceu conexões entre raça e gênero.

“Pelo fim da violência” é o título do décimo primeiro tópico. A autora sinaliza que, apesar de muitos estudos apontarem para a violência de homens contra mulheres, observou-se que, em ambientes domésticos, existe violência em relacionamentos de pessoas do mesmo sexo. Ela faz crítica sobre a violência contra crianças, a qual ainda é aceitável socialmente. Aborda a ideia de que a pessoa detentora do poder econômico do lar é a pessoa (homem ou mulher) que estaria “autorizada” a diversas formas de força coercitiva. Segundo a autora, o sexismo se apresenta - também - na ideia de que homens são violentos e mulheres, não, contrapondo-se à necessidade de refletir sobre o cenário como um todo.

O décimo segundo tópico, ao tratar da “Masculinidade feminista”, faz uma crítica à mídia conservadora, que frequentemente protagoniza feministas como aquelas que odeiam homens ou faz a conexão obrigatória entre feministas e lésbicas, já que os movimentos feministas do século XX apresentavam fortemente tais características. O feminismo contemporâneo conta com o apoio de pessoas de diferentes sexos: homens, embora poucos, passaram a compreender o movimento feminista como um movimento de justiça social.

Ao discorrer sobre “Maternagem e paternagem feministas”, a autora aponta crianças como receptoras do pensamento sexista. Tal recepção, advinda frequentemente de mães, pode ser reprodutora de ações machistas e preconceituosas nos lares e escolas. A autora traz à reflexão o fato de mulheres chefes de família, ou mães que cuidam dos filhos sem a presença

de um genitor, tenderem a reproduzir valores sexistas para as crianças, especialmente aos meninos. Segue ainda fazendo uma crítica reflexiva sobre a violência de adultos contra crianças. Ela finaliza esse tópico ratificando que o movimento feminista é pró-família.

Em “Casamento e companheirismo libertadores”, contextualiza sobre o ingresso de mulheres heterossexuais que passaram a aderir aos movimentos feministas por conviverem na norma de dominação e subordinação masculina. Ressalta a importância do controle de natalidade seguro e acessível, de forma que as mulheres possam optar se e quando querem uma gestação. Culturalmente, os homens passaram a aceitar um pouco mais a responsabilidade pela paternidade, embora, por outro lado, as mulheres prevaleçam como responsáveis pelos cuidados de crianças e afazeres domésticos, mesmo quando elas provêm financeiramente o lar.

No décimo quinto tópico, “Uma política sexual feminista: uma ética de liberdade mútua”, a autora debate acerca da liberdade para uma vida sexual segura, em que se posiciona a favor da existência de métodos contraceptivos confiáveis, além de formação e informação para a prevenção de gravidez indesejada.

Já em “Alegria completa: lesbianidade e feminismo”, a autora traz luz à libertação das mulheres, não só em relação ao patriarcado, mas também aos estereótipos tradicionais de gênero e práticas sexuais. Explica que o feminismo, como movimento político, inclui mulheres héteros, bissexuais e homossexuais, mas afirma que, ao contrário do que se pensa, lésbicas podem também constituir relações de dominação e inferiorização, tal como pessoas heterossexuais. Aponta que a satisfação sexual, bem-estar e felicidade não depende exclusivamente de homens, ainda que tenha sido propagada tal ideia em nossas estruturas sociais.

Segundo a autora, pessoas que aderiram ao movimento feminista apresentavam amargura e pouca disposição para novos relacionamentos. De acordo com o tópico “Amar novamente: o coração do feminismo”, os laços de amor e respeito devem ser conectados com o reconhecimento de si e da outra pessoa.

O décimo oitavo tópico, por sua vez, apresenta a “Espiritualidade feminista”, tendo como ponto de partida a consciência do autoamor e autoaceitação como princípios para a autorrealização. Nele, a autora faz críticas a doutrinas religiosas que supervalorizam homens e reforçam posições inferiores à mulher em suas respectivas comunidades. Diante disso, a autora diz que:

Feminismo(s) pelo olhar de bell hooks

[...] uma multidão de pessoas ainda pensa que o feminismo é antirreligião. Na realidade, o feminismo ajudou a transformar os pensamentos religiosos patriarcais de maneira que mais mulheres possam encontrar conexão com o sagrado e se comprometer com a vida espiritual (Hooks, 2023, p. 155).

Por fim, o último tópico, intitulado “Feminismo visionário”, traz reflexões para um feminismo futuro, que visa a substituir culturas de dominação e exploração, pensando em possibilidades de uma sociedade direcionada para a democracia social, cuja perspectiva ecológica esteja atenta contra discriminações de raça ou gênero.

Foi possível observar que, no decorrer das dimensões apresentadas, a autora se posiciona em uma leitura de contrapontos de ideias, ampliando discussões sobre o feminismo, deixando de lado ideias que focam apenas em gênero e desconsideram raça e classe nas relações sociais. Reforça a necessidade de desenvolver segurança emocional em crianças, com princípios dialógicos, e não coercitivos.

Pensar em contextos educativos, contemplar currículos que vislumbrem pensar em relações antissexistas, contra a misoginia, articulados com marcadores de classe e raça, é um grande desafio para políticas e profissionais. Nesta obra, bell hooks (2023) nos fornece subsídios relevantes para reflexões e diálogos que podem favorecer a educação dentro e fora de sala de aula. Um verdadeiro convite à aproximação ao feminismo.

Referência

HOOKS, B. **O feminismo é para todo mundo**: políticas arrebatadoras. Tradução de Bhuvi Libanio. 20. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2023.

Sobre a autora

Vanessa dos Santos Tavares

Doutoranda em Educação no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Cidade de São Paulo (Unicid), bolsista Capes. Mestra em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (2016), graduada em Pedagogia. Atualmente é Técnica em Assuntos Educacionais do Instituto Federal do Paraná (IFPR). E-mail: vanessatavares2006@gmail.com. ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-1482-3505>.

Recebido em: 22/04/2024

Aceito para publicação em: 14/05/2024